

Couraça e liberdade: apontamentos sobre a questão de gênero em Clarice Lispector

*Bruno Marco Cuer dos SANTOS¹

** Marcelo FLORIO²

Resumo

Este artigo propõe a necessidade de uma rediscussão sobre a autora Clarice Lispector a partir dos debates sobre gênero e sexualidade que emergem na contemporaneidade. Trata-se de um esboço de questão suscitada pela trajetória da personagem Joana na obra *Perto do Coração Selvagem* de 1944. Partimos da ideia de que a busca da personagem para um sentido de sua existência em sua condição de mulher, expressa, no limite, uma superação da construção do feminino em relação de subordinação ao masculino o que contrapõe valores binários da sociedade brasileira na década de 40. Metodologicamente, a literatura está como produto simbólico socialmente construído, a partir de um sistema de valores sociais constitutivos da relação história, literatura e sociedade e que nos permite perscrutar valores a partir da personagem de Clarice Lispector, propondo, por outro lado, debater o lugar da própria autora neste contexto.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Gênero; Mulher; Literatura; História.

Abstract

This article aim at debating the need of new debates on the author Clarice Lispector based on gender and sexuality in contemporary times. Here is proposed an outline of a question raised by the trajectory of Joana, the main character in the work *Perto do Coração Selvagem* in 1944. The general idea is that the character's search for a sense of her own existence as a condition of a woman, expresses at the limit, an overcoming of a construction of feminine taken in subordination to masculine, opposing, thus, binary values in Brazilian society in the 40's. Methodologically, literature is read here as a symbolic and socially constructed product which is based on a system of social values composing a relation among history, literature and society. It allows us to examine values based on the character written by Clarice Lispector proposing to debate even the place of author through this context.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, docente na Universidade Guarulhos (UnG).

² Pós-doutor em História (PUC/SP), Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP), Mestre em História (PUC/SP) e docente da Universidade de Guarulhos (UnG.)

Keywords: Clarice Lispector; Gender; Woman; Literature; History.

1. O que propomos?

Esta pesquisa, ainda em andamento, esboça uma questão que se inscreve nos debates sobre gênero a partir da construção de papéis sociais ligados à noção de masculino e feminino no texto literário e propõe possíveis apontamentos sobre a questão de gênero presente no trabalho de Clarice Lispector nos anos de 1940. Trata-se de indagações histórico-sociais sobre o texto literário, tomado pelo contexto de valores sociais que forjam perspectivas de gênero, lidas aqui sob a ótica da construção do papel feminino contraposto ao masculino, o que historicamente pressupõe dominação.

Nosso eixo analítico está centrado na personagem Joana da obra *Perto do Coração Selvagem*³, publicada em 1944 e que marca a estreia de Clarice Lispector no romance. Nesta obra, narrada em primeira pessoa, a personagem Joana aproxima o leitor aos seus conflitos íntimos de busca por sentido. Após perder a mãe Elza, ainda criança, vive um curto período de tempo com o pai que também vem a falecer, passando então a viver com os tios, quando a narrativa é tencionada pela incongruência entre o eu-lírico contestador e as regras severas da nova casa. Pequenos pontos de conflito moral nascem principalmente em relação à tia, culminando com internato para onde Joana é enviada após o roubo de um livro. Adulta e já casada com Otávio, ela tem que lidar com a existência da amante do marido e o que poderia ser um problema não o é de fato, já que sua naturalidade em relação ao caso – que certamente exacerba os padrões morais de seu tempo – revela-se por outro problema, o projeto frustrado de um filho, ou seja, seu objetivo não era Otávio, mas uma gravidez que não se concretiza. Ao lançar-se a uma descoberta de si e de seu estar no mundo, ideais de liberdade pululam sua jornada em si mesma e remete o onírico a uma dimensão do real, enquanto presença de Joana no mundo. Assim, a questão que nos interessa aqui, em termos de gênero, é a da

³ LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

liberdade nessa busca de Joana por si nas bordas de uma sociedade estruturalmente patriarcal.

Nesse sentido, nosso intento é inquirir as tessituras do texto clariceano em termos de uma *desconstrução do real* – a forma conceitual que irá possibilitar a compreensão do processo de construção do gênero feminino pelo viés de representação de mundo, o que significa desvendar narrativas com voz, rosto e nome, destituindo de lugar a noção de mulher como categoria universal e abstrata.

2. A construção literária como objeto

Ainda que documentos literários em si não sejam concebidos como refletores de verdades ou da realidade objetiva, como o ideal romântico que ladeia determinadas concepções acerca da produção artística, isso nos impõe remetê-los à perspectiva sócio-histórica com vistas à resgatar como uma sociedade se faz por meio de suas práticas e de valores presentes em suas estruturas. Ora, é por meio da investigação em fontes documentais literárias que *ditos* e *interditos* se revelam e certas práticas discursivas são incorporadas pelo autor da obra.

Para que os discursos interditos venham à tona, é importante interpretar o que está implícito nas entrelinhas do documento, perscrutando o conteúdo latente dos silêncios ali presentes. Como bem sabemos, pelos limites das ciências humanas, os ditos e interditos nos discursos literários não são neutros ou imparciais e, à medida que devidamente desconstruídos pelo fazer sócio-histórico, podem ser desvelados por indícios, pistas e sinais de registros de suas inscrições culturais.

Dar visibilidade à objetividade do fazer social, intersecciona a problemática científica com a proposta política de abordagem deste mesmo sujeito, remetido a sua própria ação⁴. Dito de outro modo, a escolha do objeto expressa a subjetividade da parte dos pesquisadores, mas o fazer literário tece

⁴ Neste sentido, cf. Judith Butler. **Fundamentos contingentes**: o feminismo e a questão do pós-modernismo. Cadernos Pagu, n. 11, 1998. p.50.

a narrativa a partir do olhar sobre as práticas sociais e experiências do vivido em uma relação dialógica com pressupostos teórico-metodológicos impostos pelo relacional empírico⁵. *Grosso modo* a obra literária pode contribuir para captar vestígios do passado por meio dos registros da escritora Clarice Lispector.

A dinâmica do objeto reivindica adaptação do pesquisador e para que a literatura se constitua como fonte documental, há que se considerar que no discurso literário, autores e autoras apresentam determinados projetos e visões de mundo, traduzindo a realidade a deixando aflorar intermitentemente imaginação, medos, desejos, angústias, aspirações, paixões e emoções, o que nos possibilita atribuir vozes a diferentes sujeitos sociais na vida cotidiana, ao mesmo tempo em que, as obras literárias difundem por meio de códigos culturais da própria narrativa literária, perfis que influenciam a construção de valores e, por conseguinte, de padrões de comportamentos de uma sociedade.

3. Entre as mulheres Clarice e Joana

Se os textos literários são tomados aqui como objeto, o que pressupõe o desvendamento de representações sobre a realidade como linguagens constitutivas do tecido social. Experiências sobre o vivido podem transmitir os testemunhos históricos de tensões sociais e de gênero, uma vez que o *corpus* documental literário, como propõe Nicolau Sevcenko⁶, veicula projetos vencidos e possibilidades que não vingaram, assim como os planos que não se concretizam historicamente. Desse modo, assumirmos a literatura como objeto sócio-histórico nos permite *ad hoc* resgatar assimetrias, singularidades, certas propriedades determinadas, especificidades e intencionalidades subjacentes. A

⁵ “O real é relacional”, em termos de uma análise reflexiva, considerando-se as estruturas como fundantes das contradições sociais e metodológicas. Cf. Pierre Bourdieu. **Introdução a uma Sociologia Reflexiva**. In: **O poder Simbólico**. 5ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.27.

⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1995. *Passim*.

literatura, historicizada, como fonte documental retorna ao passado e lhe faz perguntas, ao passo que, enquanto produção social lastreia seu contexto⁷.

O contexto da personagem Joana⁸, ao descobrir que pode ser feliz e ter acesso ao seu ideal de liberdade sem que para isso tenha que se prender à instituição do casamento nos moldes de uma sociedade patriarcal, forjada por símbolos de dominação masculina⁹, sugere uma ruptura, em termos estruturais, com a subordinação da condição de gênero feminina ao masculino. Há uma antagonização ao discurso universal e universalizante do masculino na sociedade brasileira, o que deixa entrever o trecho em que a personagem questiona sua própria trajetória como mulher casada:

Julgava mais ou menos isso: o casamento é o fim, depois de me casar nada mais poderá me acontecer. Imagine: ter sempre uma pessoa ao lado, não conhecer a solidão. – Meu Deus! – não estar consigo mesma nunca, nunca. **E ser uma mulher casada, quer dizer, uma pessoa com destino traçado. Daí em diante é só esperar pela morte.** Eu pensava: nem a liberdade de ser infeliz se conservava porque se arrasta consigo outra pessoa¹⁰.

A crítica à instituição casamento, quanto ao fato de ser uma mulher abdicada e que perde a surpresa dos destinos da vida, ao questionar-se sobre a previsibilidade imposta à mulher casada, liga-se também à mulher que não está atenta aos prazeres corporais: “Por que surgem em mim essas sedes estranhas? (...) estou ajoelhada, nua como um animal junto à cama, minha

⁷ Retomando a conexão entre literatura e sociedade, proposta por Antônio Candido, quem inclusive via com entusiasmo a carreira de Clarice Lispector, autor, obra e público estão no mesmo ponto quando considerados sob a perspectiva de um sistema simbólico de comunicação que é produzido socialmente. Neste sentido, cf. Antonio Candido. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. *Passim*.

⁸ De *Perto do Coração Selvagem* (1980), escrito originalmente no início da década de 1940, quando Clarice Lispector tinha vinte anos de idade.

⁹ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. São Paulo: Best Bolso, 2003. *Passim*.

¹⁰ LISPECTOR, Clarice. *op. cit.*, 1980, p. 159. *Grifo nosso*.

alma se desesperando como só o corpo de uma virgem pode se desesperar”¹¹.

Aqui apontamos uma primeira quebra de padrões, quando Joana insurge-se contra a normatização do masculino, justamente ao querer conhecer os movimentos e prazeres que o corpo pode proporcionar – e descobre o seu corpo transitando das metáforas do “opaco” para o corpo “brilhante”, de modo a perceber sensações da sensualidade inscritas em seu corpo *feminino*, ao mencionar que não era o corpo apenas que sentia, vibrava e agitava-se, mas que ela como mulher, *também portadora de razão*, pensava sobre os significados dos desejos que emergiam em suas entranhas,

Naquele dia na fazenda, na fazenda do titio, caí no rio. Antes estava fechada, opaca. Mas quando me levantei, foi como se tivesse nascido na água. Saí molhada, a roupa colada à pele, os cabelos brilhantes, soltos. Qualquer coisa agitava-se em mim e certamente meu corpo apenas e isso era certamente minha alma também¹².

A categoria de análise *gênero* como paradigma que possibilite desconstruir os papéis sexuais como campo da natureza biológica, nos leva a remeter as narrativas de Joana e sua postura questionadora sobre o papel da mulher, aos pressupostos sócio-histórico-culturais e práticas a-históricas da noção de que preexista uma determinada essência ou instinto do que é ser feminino ou masculino¹³.

As limitações binárias – feminino e masculino – cercam a realidade da personagem na mesma medida em que o feminino se submete à perspectiva traçada pelo masculino após o casamento. Há, na trama, elementos do que é ser feminino, o que se desenha uma estrutura de poder denunciada pelos feminismos contemporâneos a partir de Simone de Beauvoir¹⁴. Neste sentido,

¹¹ LISPECTOR, Clarice. *op. cit.*, 1980, p. 23.

¹² LISPECTOR, Clarice. *op. cit.*, 1980, p.65.

¹³ SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul./dez. 1995.

¹⁴ CYFER, Ingrid. **Afinal, o que é ser uma mulher?** Simone de Beauvoir e a questão do sujeito na teoria

Joan Scott ¹⁵, concebe que as características comportamentais atribuídas como inatas ao homem e à mulher, sejam construções de uma realidade eurocêntrica e capitalista, que tomam por base o ideário dos sexos definidos pelo discurso biologizante. Ao partir da constituição social de mulheres e homens e ao uso dos estudos das relações sociais de gênero – perpassados por relações assimétricas de poder – a autora discute as construções culturais do feminino e do masculino como relacionais, e, portanto, edificações histórico-culturais.

Guacira Lopes Louro observa que na proposta de Scott, é importante desconstruir a oposição binária, dicotômica e polarizada entre masculino-feminino¹⁶:

Joan Scott observa que é constante nas análises e na compreensão das sociedades um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros; usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão. Para ela seria indispensável implodir essa lógica¹⁷.

O conceito gênero¹⁸ poderá manter sua “utilidade teórica” quando fizer questionamentos, rompendo as dicotomias e abrindo espaço, no debate, para pensar feminilidades e masculinidades que não estejam presentes somente na

crítica feminista. Lua Nova, São Paulo, 2015, p. 42.

¹⁵ SCOTT, Joan. *op. cit.*, 1995.

¹⁶ Sobre as dicotomias, Guacira Lopes Louro lembra que o filósofo Jacques Derrida contribui com discussão, à medida que compreende que as dicotomias marcam o pensamento moderno, em “presença/ausência, teoria/prática, ciência/ideologia etc.” A esse respeito, Louro reflete que cada polo apresenta divisões e fraturas internas e não apresentam uma essência pronta e acabada: “No ‘jogo das dicotomias’, os dois polos diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento. Aprendemos a pensar e a nos pensar dentro dessa lógica e abandoná-la não pode ser tarefa simples. A proposição da ‘desconstrução’ das dicotomias – problematizando a constituição de cada polo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada polo não é uno, mas plural, mostrando que cada polo é, internamente, fraturado e dividido – pode se constituir numa estratégia subversiva e fértil para o pensamento”. Cf. Guacira Lopes Louro. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 35.

¹⁷ LOURO, Guacira Lopes. *op. cit.*, 2014, p. 34-35.

¹⁸ LOURO, Guacira Lopes. *op. cit.*, 2014, p. 38.

vivência heterossexual. O gênero pode questionar, em Butler, a naturalização das visões de feminino e masculino e pretende que conteste essas noções, entendendo que gênero é o aparato, não somente para desnaturalizar, mas, sobretudo, para desconstruir visões dicotômicas. Portanto, gênero, nessa acepção, deve mover-se além do binarismo, permitindo permutações de gênero e, que, não se coadunem com padrões pré-estabelecidos¹⁹.

O corpo, como *locus* privilegiado da transformação da cultura humana e as análises sobre essa temática contribuem para identificar os significados nele inscritos e, que são tanto biológicos quanto culturais, levando ao questionamento da separação dualista entre natureza e cultura. Esses debates, portanto, os valores, hábitos, costumes e crenças que foram plasmados sobre os corpos²⁰.

4. Clarice encorajada

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia na aldeia de Tchechelnik em 10 de dezembro de 1920. Chegou ao Brasil na cidade do Recife com dois meses de idade, local em que sua família permaneceu até 1934. Clarice e sua família, posteriormente, se mudaram para a cidade do Rio de Janeiro onde permaneceram até 1944. Ali, formou-se em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil em 1944 e, ainda naquele ano, conheceu Maury Gurgel Valente, diplomata com quem se casou.

Casada, iniciou longa temporada de viagem aos Estados Unidos e Europa, acompanhando o marido até 1959. Já separada, volta ao Rio de Janeiro e permanece em atividade literária até sua morte em 1977. Suas obras mais conhecidas em termos de recepção e circulação são: *Perto do Coração Selvagem*, *A Paixão segundo G. H.*, *A Hora da Estrela* e *Água Viva*²¹.

¹⁹ BUTLER, Judith. **Regulações de gênero**. Cadernos Pagu. Campinas, n. 42. Jan/Jun, 2014, p. 1-2.

²⁰ PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena. **Apresentação**. In: Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp, 2000.

²¹ GOTLIB, Nadia Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 2000.

Em suas obras é notável a preocupação em adentrar o universo de suas personagens, ao propor uma investigação filosófica que utiliza os recursos das figuras de linguagem, tais como metáforas e repetições. Estudiosos da literatura clariceana como Campadelli²² e Gotlib ²³, compreendem que a grande característica de sua obra seja a ausência de linearidade, ou a ausência de uma ordem com começo, meio e fim. A esse respeito, Clarice afirma que não se considerava uma escritora dentro dos parâmetros tradicionais da narrativa e, sim, uma intuitiva, que registrava as impressões de seus sentimentos acerca de seu mundo interior e exterior por meio da escrita. Nesse sentido, sua narrativa literária rompe com a prosa regionalista de José Lins do Rêgo e de Jorge Amado e, como consequência, com a prosa referencial que aborda a descrição de fatos e acontecimentos articulados às circunstâncias políticas e econômicas do Brasil²⁴.

O que impressiona nas narrativas de *Lispector* é a sua capacidade de “fuga” em relação às regras e estruturas fixas em sua produção literária, sendo considerada “uma escritora que provocava qualquer tentativa de classificá-la”²⁵, o que possibilita entrever a escrita clariceana a partir do pressuposto deleuziano, de certas “linhas de fuga”, se observamos que a própria Clarice, pela voz da personagem Joana, chega a confrontar preconceitos, não aceitando papéis fixos e imutáveis.

Certa vez, a autora chegou a explicar seu processo de criação narrativo antilinear dizendo que “o presente só existe quando ele é lembrança e só existe quando vai ser (...) o que sinto é no sem-tempo e no sem-espço. O tempo do futuro já passou. De repente o passado é uma coisa que ainda vai

²² CAMPEDELLI, Samira et al. **Clarice Lispector**: literatura comentada. São Paulo: Editora Abril, 1982.

²³ GOTLIB, Nadia Battella. *op. cit.*, 2000.

²⁴ CAMPEDELLI, Samira et al. *op. cit.*, 1982, p. 3.

²⁵ DINIS, Nilson. **A arte da fuga em Clarice Lispector**: aproximações entre a escritura clariceana e a filosofia de Deleuze e Guattari. Campinas: Unicamp, 1997, p. 35. (dissertação de mestrado).

acontecer”²⁶. Em outro momento, afirmou com base em sua poética intimista e subjetiva que é contrária à adoção de gêneros ficcionais preestabelecidos em sua escrita: “inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” ²⁷. A autora deixa ainda mais evidente, essa acepção do inacabamento ao utilizar a metáfora do “líquido quebrado”, para imprimir a noção de que suas escrituras são “gotas” de instantes fugidios, e que não são apreendidas a partir de uma lógica racionalizante à medida que expõe suas impressões emocionais e subjetividades: “se sou líquida como é líquido o informe, antes sou gotas de mercúrio do termômetro quebrado – líquido metal que se faz círculo cheio de si e igual a si mesmo no centro e na superfície, prata que tomba e não derrama liquidez sem umidade” ²⁸.

A personagem, de forma precisa em relação à questão, afirma que “comigo acontece o seguinte ou senão ameaça acontecer: de um momento para outro, a certo movimento, posso me transformar numa linha. Isso! Numa linha de luz, de modo que a pessoa fica só a meu lado, sem poder me pegar e à minha deficiência” ²⁹.

A esse respeito “fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano”. ³⁰ A “fuga” poderá remeter à experimentação do viver. Torna-se possível perceber a “fuga” como “desterritorialização”, ou rompimento com regras e padrões estereotipados.

Hélio Rebello Cardoso Júnior ³¹, comentando a desterritorialização em termos de Deleuze, entende que as fugas criativas aos diversos tipos de

²⁶ BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 7.

²⁷ BORELLI, Olga. *op. cit.*, 1981, p. 9.

²⁸ BORELLI, Olga. *op. cit.*, 1981, p. 10.

²⁹ DINS, Nilson. *op. cit.*, 1997, p. 21.

³⁰ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1988, p. 49.

³¹ CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. **Foucault e Deleuze em co-participação no plano conceitual**.

controle dependem de uma guerra infinitesimal contra elas para desfazer suas forças, sensações preconcebidas e, assim, criar modos de vida.

O entendimento da escritora e de que suas personagens não apresentam identidades fixas são os mesmos defendidos por Stuart Hall, ou seja, o ser humano é composto por identidades multifacetadas e, o sujeito pode não apresentar uma identidade “essencial e permanente”, isto é, o sujeito é composto por identidades plurais e, por vezes, contraditórias e não resolvidas. Identidades são, por assim dizer, flexíveis e estão em construção constante desde as primeiras formas de socialização. Pode-se, falar mesmo, em “identidades possíveis e móveis” no lugar de uma “identidade unificada”, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.³²

Em diálogo com as dimensões acima apontadas, a literata chegou a mencionar que o seu processo de criação acontecia a partir de uma noção intuitiva do que gostaria de expressar, que poderia ser modificada a qualquer instante, haja vista que poderia ser acometida pelo inesperado. Desta feita, ela exprime suas complexidades e ambiguidades, podendo ser traduzidas por *máscaras sociais*. Pelo termo pode-se compreender que há uma defesa constitutiva do ser humano diante da vida, por ela enunciada como: “Tenho várias caras. Uma quase é bonita, outra é quase feia. Sou o quê? Um quase tudo”. O sentido da máscara é dado pela autora como “o primeiro gesto voluntário humano”, sendo um ato “solitário” em si³³.

Estão presentes, por este viés analítico, afloramentos de narrativas que ao edificar suas máscaras carregam a simbologia intrínseca de couraças de defesa ao mundo exterior em que simples atos do cotidiano ganham significados importantes diante do viver a realidade concreta. Logo, até mesmo

In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 196.

³² HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 12-13.

³³ GOTLIB, Nadia B. *op. cit.*, 2000, p. 20.

o ato banal do fumar é explicado a partir de uma vertente existencial que a autora deixa entrever em outro trecho de suas cartas:

Eu tentei deixar de fumar. Acontece, porém, que se eu não fumar fico sem nenhuma couraça. Fico feito criança, de uma sensibilidade terrível. Eu tenho resolvido muita coisa com um cigarro... Cigarro me dá paciência. Mas estou fumando menos. Não sei se pelo cigarro ou porque gasto muito a cabeça pensando, repensando e me preocupando e resolvendo mentalmente todos os problemas (...) Mas como não fumar? O calor humano é tão parco (...) Eu fumo então (...)³⁴.

A criação de couraças, também, está presente quando Lispector reflete em outra carta, sobre o ato de saborear um chá. O ato de atribuir significado simbólico ao chá, que é um ato aparentemente solitário, é transformado em uma atitude de acolhimento e de derrubada das máscaras sociais que materializadas pela voz da autora sugere que “nada mais solitário que fazer um chá para si mesma. Hoje preparo de leve um chá para mim. O chá termina sendo agasalho. Eu o bebo e ele me é. Sendo-me ele, então não estou mais tão só”³⁵.

Os cuidados de si intrínsecos às narrativas clariceanas, se discutidos a partir de Michel Foucault, pela perspectiva de que uma vida pode ser uma obra de arte, revela que tais cuidados de si sejam concretizados por meio de “estéticas da existência”³⁶, em que o sujeito não é somente constituído pelas redes panópticas de poder³⁷, podendo se subjetivar ao escapar das estratégias de micropoderes presentes na sociedade, e encontrar brechas que o fazem resistir à submissão e ao encarceramento do eu no mundo disciplinado, que é o caso da *persona* Clarice Lispector.

A obra de Clarice é permeada pela conquista da autonomia do viver e que o seu cotidiano o pode ser constituído por espaços de projeção e práticas

³⁴ BORELLI, Olga. op. cit., 1981, p. 30.

³⁵ BORELLI, Olga. op. cit., 1981, p. 17.

³⁶ Cf. O estudo de estetização da existência na obra de FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

³⁷ FOUCAULT, Michel. op. cit., 1990, p. 15.

de liberdade. Sobre a vida como obra de arte, estetização da existência e cuidados de si, as narrativas clariceanas podem configurar-se como sinônimo de arte/estética, pois as suas personagens femininas e ela própria não somente fixam regras de conduta, mas transformam-se, ao portarem valores e atitudes éticas na luta pelo direito ao viver, e elaboram uma crítica às regras impostas pela sociedade ocidental. Foucault, em relação à questão, assevera que “os homens não só se fixam regras de conduta como também procuram se transformar, modificando-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”. Antonio Paulo Benatti³⁸, comentando os modos de subjetivação criados como estética da existência, esclarece que “o estudo de Foucault empreendeu sobre os modos de estetização da existência teve como referência, no mundo grego antigo, os homens livres, quer dizer, uma aristocracia de cidadãos” e podem existir em diversas temporalidades históricas e, portanto, não ocorrem somente na Grécia Antiga.

Clarice, em sua obra-vida, como uma obra de arte, porque ela estetizou-a buscando fazer de sua realidade uma poesia, um ato de beleza, uma vida artista, de procura e encontro consigo mesma, e de encontro com o outro. A busca constante de seu “eu”, que pela leitura foucaultiana de vida como obra de arte demonstra que sua proposta não é a da vivência do individualismo, mas a de uma vida solidária, que vai ao encontro do “outro”, tal como descrita no fragmento da carta abaixo e demonstra os atalhos que a levavam à ida de encontros com vínculos afeitos e éticos. A esse respeito, poeticamente chegou a refletir sobre a questão,

Não é a toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido o caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente á procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando

³⁸ BENATTI, ANTONIO Paulo. **Jogo e subjetividade: a fuga lúdica.** In: **Educação, Subjetividade e Poder.** Rio Grande do Sul: NESP, 1998, p. 81-82.

puder sentir plenamente o outro, estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada³⁹.

Clarice inaugura a narrativa intimista e interiorizada, em que adota um ritmo lento de escrita para contrastar com o ritmo conturbado e agitado do cotidiano vivido. Nessa análise, a narrativa clariceana compreende que um evento ou acontecimento ligado à subjetividade humana pode ser a diretriz e o eixo condutor de sua trama. Esses acontecimentos, considerados aparentemente sem importância, provocam nos personagens a liberação de pensamentos inconscientes, em que discorre poética e filosoficamente acerca da problemática do existir de quem sempre buscou traduzir-se, por meio de suas cartas ou obras literárias aquilo que estava latente em seu íntimo – justificando-se que sua individualidade não é apresentada por texto cronológico, mas escrito *a priori* da vivência do dia a dia.

5. Joana libertada

As personagens femininas construídas nas narrativas literárias de Clarice Lispector podem ser tomadas como transgressoras das normas instituídas e atribuídas aos gêneros. Podemos, em algumas obras, identificar mulheres que se embrenham contra estruturas hegemônicas mediadas pela noção de masculinidade expressas por uma ideal de rotina que submete a condição feminina essencialmente aos papéis de mãe e esposa: *Perto do Coração Selvagem*, *A paixão segundo G.H.* e *A Hora da Estrela* parecem bons exemplos nesse sentido.

Há ainda os contos que tematizam a problemática feminina que exploram de modo subjacente, ditames de uma sociedade preocupada com a manutenção da construção de um ideal de mulher dessexualizada, instintiva e irracional, como em: *Amor*, *Devaneio e embriaguez de uma rapariga* e *A*

³⁹ BORELLI, Olga. *op. cit.*, 1981, p. 4.

imitação da Rosa que são contos constitutivos da obra *Laços de Família* (1960).

Essas mulheres não se acomodam à condição de rainha do lar e tampouco ao papel de mãe da família nuclear. Tais personagens são, em geral, mulheres que apresentam desejo sexual, pensam, refletem e agem em busca da descoberta e afirmação de seu eu e das expressões de sua subjetividade. São, portanto, mulheres que vivem uma relação conflituosa com as normas de uma sociedade baseadas em um discurso masculinizante.

A personagem Joana, com base na crítica à visão binária dos gêneros – questionadas nos termos de Scott, Butler e Louro, desvela-se, aos poucos, por exemplo, quando a professora de Joana propõe a seguinte temática de redação: “E daí em diante ele e toda a família foram felizes”, por uma simples atividade escolar o confronto com normas sociais vigentes propostas pela professora, já que Joana não aceita essa ideia de felicidade e a questiona,

– O que é que se consegue quando se fica feliz – sua voz era fina como uma seta clara. A professora olhou para Joana. – Repita a pergunta...? Silêncio. A professora sorriu arrumando os livros. – Pergunte de novo, Joana, eu é que não ouvi. – Queria saber: depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois? – repetiu a menina com obstinação. A mulher encarava-a surpresa. – Que ideia! Acho que não sei o que você quer dizer, que ideia! Faça a mesma pergunta com outras palavras... – Ser feliz é para se conseguir o quê?⁴⁰

Se em um primeiro momento a personagem Joana depara-se com a realidade de uma mulher que apresenta a característica de ser *intumescida de vida*. A observação lhe causa inveja, pois gostaria de adaptar-se à rotina repetitiva e cotidiana da vida uma mulher casada e aceitá-la, em um segundo momento há o questionamento e crítica ao gênero feminino, que aceita o ideal e a rotina de felicidade da mulher casada e da própria gravidez.

Ainda que haja presente na personagem Joana, a noção de mulher por uma dimensão universalizante, amplamente criticada por Butler⁴¹, isso não afasta Clarice Lispector, ela mesma enquanto mulher, das disputas e

⁴⁰ LISPECTOR, Clarice. op. cit., 1980, p. 30.

⁴¹ . Nesse sentido, cf. Judith Butler. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, p. 19.

assimetrias de gênero e das estruturas patriarcais da sociedade brasileira, estando na mira da “opinião pública” a partir de um recorte de classe, como proposto por Leon⁴².

Em muitos aspectos, a personagem rompe com o ideal da cultura patriarcal da mulher casta e lança, ainda de modo embrionário, luzes sobre as questões de gênero. A liberdade de Joana, na literatura, entra em sintonia com o ideal de liberdade feminina hoje amplamente requisitado pelos feminismos. O marido da personagem, Otávio, curioso por filosofia, busca constantemente um ideal ilusório de liberdade, que é encontrado de fato por Joana em sua imersão existencial, ou em filosofias da existência⁴³, ou seja, Joana em sua libertação protagoniza o ideal de liberdade através do gênero feminino, o que propõe no da narrativa, a submissão estrutural do feminino ao masculino. Assim, a questão aqui esboçada impõe a urgência de uma atualização e aprofundamento dos debates contemporâneos no que respeita a questão de gênero e seus desdobramentos históricos, tão presentes nos debates público e acadêmico, a partir da análise sobre Clarice Lispector e sua obra.

Referências:

BENATTI, ANTONIO Paulo. **Jogo e subjetividade: a fuga lúdica**. In: **Educação, Subjetividade e Poder**. Rio Grande do Sul: NESP, 1998.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo**. Cadernos Pagu, n. 11, 1998.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

_____. **Regulações de gênero**. Cadernos Pagu. Campinas, n. 42.

⁴² LEON, María Antonia García de. **Clarice Lispector: una tragedia contemporánea de género**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 1018-1021, Dez. 2011. p. 1020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300022&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 13.03.2020.

⁴³ Maria Elisa de Oliveira. **Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector**. Trans/Form/Ação. São Paulo, 1989. p. 51. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v12/v12a04.pdf>. Acessado em: 13.03.20

Jan/Jun, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Introdução a uma Sociologia Reflexiva**. In: **O poder Simbólico**. 5ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. São Paulo: Best Bolso, 2003.

CAMPEDELLI, Samira et al. **Clarice Lispector: literatura comentada**. São Paulo: Editora Abril, 1982.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. **Foucault e Deleuze em co-participação no plano conceitual**. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGANETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CYFER, Ingrid. **Afinal, o que é ser uma mulher?** Simone de Beauvoir e a questão do sujeito na teoria crítica feminista. Lua Nova, São Paulo, 2015.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

DINIS, Nilson. **A arte da fuga em Clarice Lispector: aproximações entre a escritura clariceana e a filosofia de Deleuze e Guattari**. Campinas: Unicamp, 1997. (dissertação de mestrado).

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEON, María Antonia García de. **Clarice Lispector: una tragedia contemporánea de género**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 1018-1021, Dez. 2011. p. 1020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300022&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 13.03.2020.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Maria Elisa de. **Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector**. Trans/Form/Ação. São Paulo, 1989. p. 51.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v12/v12a04.pdf>. Acessado em: 13.03.20

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena. **Apresentação**. In: Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul./dez. 1995.